

O Instituto Cultural Israelita Brasileiro (ICIB) e a repressão política e cultural nas décadas de 1960 e 1970

Natália Frizzo de Almeida. Universidade de São Paulo (USP).

1. Introdução

Pretendemos apresentar o Instituto Cultural Israelita Brasileiro (ICIB), que faz parte da pesquisa que estamos desenvolvendo no mestrado sobre o Ginásio Israelita Brasileiro Scholem Aleichem (GIBSA). Essa instituição escolar funcionava nas dependências do ICIB. O ICIB foi fundado em 1953, no Bairro do Bom Retiro em São Paulo.

O ICIB foi fundado por imigrantes judeus da Europa Oriental e chegaram ao Brasil, em diversas levadas imigratórias, desde o início do século XX. Sendo assim, muitos deles saíram de seus países por diversos motivos, como: a busca de melhores condições de vida; a crescente ascensão do antissemitismo na Europa; e, especialmente, a repressão das ditaduras na Polônia, Hungria e Romênia, em relação à militância nos partidos comunistas.

Em São Paulo, instalaram-se no Bom Retiro em meados da década de 1930 e fundaram diversas instituições que seguiam as premissas do Idisch Kultur Farband (ICUF), em 1937, esse foi um movimento internacional em prol da cultura iídishista. A partir da criação de diversos espaços de vivência, dos quais pretendemos descrever melhor, o ICIB, firmou-se como um dos centros irradiadores cultura judaica iídishista e socialista nos anos 1950 e 1960.

Apresentado isso, nesse artigo, primeiramente visamos apresentar alguns elementos da chegada desses imigrantes ao Brasil, assim como foram implementadas essas instituições. Visamos compreender e aprofundar o que Lokóí (2004) diz, sobre o ICIB ter sido base legal do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Com isso, temos como objetivo, buscar entender como se deu esse contato, e quais as implicações do PCB para essa comunidade, em especial nas décadas de 1960/1970. Para isso, utilizaremos documentos do acervo do Departamento

Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS-SP), e, algumas entrevistas com os principais ativistas do ICIB à época.

Em **Intolerância e Resistência: a saga dos judeus comunistas entre a Polônia, a Palestina e o Brasil (1935-1975)** Zilda Iokói (2004) analisa a resistência no Bom Retiro dos imigrantes judeus oriundos da Europa Oriental. Ao apreender o funcionamento daquele espaço cultural e político da esquerda judaica em São Paulo, ela buscou reconstruir a história da migração desses judeus. A autora contrapõe-se a ideia, bastante arraigada na historiografia, de que houveram perseguições antissemitas, em especial pelo governo de Getúlio Vargas, durante o Estado Novo (1937-1945). Utilizando-se da documentação da diplomacia brasileira no período, Iokói argumenta que houve perseguições, mas somente sob uma parcela da comunidade judaica. No entanto, não eram por motivos religiosos, mas políticos. Ou seja, a preocupação do Estado se dava por conta da militância comunista desses judeus “progressistas”, que eram somente uma parcela da comunidade judaica. E, em São Paulo, especialmente os que se instalaram no Bom Retiro, que viriam a fundar o ICIB.

Outra referência que utilizamos, está no texto de Joana Bahia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) **A dimensão política do refúgio**. A autora faz uma análise dos ativistas políticos da Casa do Povo (1940-1960), no qual a autora traça a importância da construção identitária entre os ativistas de esquerda dessa comunidade judaica. A autora também, a partir do Projeto “À esquerda da esquerda” fez um grande trabalho de pesquisa com essas associações judaicas, com enfoque no processo migratório desses judeus para o Rio de Janeiro. Buscando entender como as associações cariocas se relacionavam com as demais instituições judaicas de orientação semelhante.

A imigração

Com o surgimento dos Estados nacionais, após a Revolução Francesa, os judeus que viviam na Europa Ocidental adquiriam sua cidadania. Ao contrário das massas judaicas da Europa Oriental, que pertenciam, em sua grande maioria, as

camadas miseráveis de pequenos artesãos e continuavam vivendo submetidos à aristocracia feudal.

Os judeus do Leste Europeu moravam nos pequenos "shtetl", região na qual era autorizada a moradia de judeus no Império Czarista. Ao serem mantidos ante o poder real, viveram injustiças e discriminações ao serem mantidos apartados e em guetos. Essa exclusão, fez com que eles passassem a se organizar por diferentes motivos em busca das liberdades.

No início do século XX, com o grande desenvolvimento capitalista da Rússia, e consequentemente, a formação da classe operária como uma nova força social. Lutavam para defender o direito a um conjunto de normas reguladoras do trabalho e a liberdade de organização sindical. O Bund nasceu no final do século XIX e no começo do XX, ali mantinham atividade política bastante intensa (que significa União Trabalhista Judaica). Esses judeus tinham ideias de esquerda, num amplo alvo que ia dos socialistas do Bund aos comunistas de Stalin. Discípulos de Marx consideravam-se judeus progressistas e eram chamados de "roiters" (vermelhos).

Em diversas levas migratórias, os judeus imigraram da Europa Oriental buscando novas oportunidades chegaram ao Cone Sul, trazendo ideias progressistas e um passado de intensa militância. Em sua maior parte, foram para a Argentina, Uruguai, Chile e Brasil. Aqui se instalaram especialmente no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo.

Em São Paulo, instalaram-se no Bom Retiro na década de 1930 e sofreram com perseguições do Governo Vargas (1930-1945) sobretudo, concordando com lokói, por serem "comunistas". Nesse período formaram em seu entorno diversos agrupamentos como, por exemplo: o "Clube Israelita ou Sociedade Esportiva Zukunft" na Rua Amazonas, que foi um aparelho do Partido Comunista Brasileiro (PCB) denunciado durante o Governo Vargas e que foi fichado no arquivo do DEOPS-SP, disponível no Arquivo do Estado de São Paulo.

Nesse período, fundaram o clube Tsukunft (futuro) no bairro de Bom Retiro, que posteriormente, passou a se chamar Yugend Club (clube da juventude). Além de fundarem uma biblioteca, um grupo de teatro chamado Dramkrais (grupo dramático) e o coro Schaeffer. Nos anos 1940, se reuniram em uma entidade

chamada *Centro Cultura e Progresso*. Essas instituições possuíam periódicos, fundaram suas próprias escolas, clubes e promoviam atividades (leienkrainz/círculos de leitura e dramkrainz/círculos dramáticos/grupos teatrais) que visavam não apenas a integração às sociedades locais, mas também o aprimoramento cultural sob o ponto de vista do campo socialista.

Essa instituição fazia parte do Idisch Kultur Farband (ICUF), que foi fundado em 1937, no meio do I Congresso Internacional de Cultura Judaica em Paris, e pretendia responder com medidas práticas ao clima fascista de intimidação cultural. Criou-se um movimento internacional em prol da cultura iídish, o qual tinha como determinações criar um conjunto de instituições nas quais a sua cultura encontrasse condições de florescimento e disseminação. Com isso, deveriam ser construídos centros de cultura, escolas e clubes para articular os judeus que se identificavam com as causas progressistas e semear nas novas gerações uma mentalidade universalista, visando à sensibilidade às questões locais e internacionais, à mobilização e à luta pela paz e pela igualdade entre os povos.

Antes de apresentarmos o ICIB, propriamente, cabe abrir um parêntese e explicar sobre a importância política que o iídish tinha nesse contexto. O termo iídish origina-se de Jüdisch, que quer dizer judaico em alemão. Para Guinsburg, além do hebraico, o iídish, é a língua que define a identidade dos judeus, definindo-a como “uma língua errante” ou uma “língua passaporte”. O iídish, “dialetto judeu-alemão”, predomina entre os aschkenazi da região europeia-ocidental e europeia-oriental, incluindo o “pale” (zona de residência obrigatória para os judeus russos). Os homens eram educados no hebraico – a língua dos livros sagrados - ao qual as mulheres, assim como os menos letrados, não tinham acesso. O iídish era falado pelas mulheres e se tornou a língua popular, usada em família, ou seja, a língua do cotidiano. Sua característica principal é sua grafia, pois o iídish era escrito com caracteres hebraicos, da direita pra esquerda. Seus partícipes não usam o hebraico no cotidiano por considerarem estritamente sagrado.

Nesse sentido, cabe entendermos a importância do ensino do iídish no contexto político social desse período. A questão não se resume ao uso da língua, isto é, o iídish em detrimento do hebraico, mas é, sobretudo, um posicionamento

político dentro da comunidade judaica. O hebraico nesse período havia sido decretado como a língua oficial do Estado de Israel. Ao defender o uso/ensino do iídish esses judeus comunistas se posicionavam contra a formação desse Estado, assim como eram contrários ao sionismo.

Suas justificativas gravitam em torno da leitura que esses judeus tinham da tradição judaica. Primeiro por eles acreditarem que os judeus não deveriam regressar a Eretz Israel, que representa na tradição um país santo e longínquo e deveriam retornar somente após a vinda do Messias. Segundo, por posicionarem contra a forma que estava se dando essa ocupação do Estado de Israel, que estava muito mais relacionada aos interesses políticos e econômicos da região, do que somente aos interesses religiosos da comunidade judaica. Ao se alinharem, por exemplo, aos capitalistas norte-americanos e aos seus interesses geopolíticos no Oriente. No contexto da Guerra Fria, especialmente em fins dos anos quarenta, e a década de 1950 esses judeus comunistas se alinhavam e defendiam o posicionamento do bloco socialista, capitaneado pela União das Repúblicas Soviéticas Socialistas (URSS) do que os interesses do bloco capitalista.

Contrários ao sionismo, portanto, eles acreditavam que a comunidade judaica deveria se engajar na luta pela defesa dos direitos dos países onde nasceram e foram educados. O isolamento causado pela vontade de retorno à Israel, por exemplo, e a exaltação do sionismo, era considerado por esse grupo de judeus, como uma das bases que geravam o antissemitismo.

Sendo assim, o esforço de restaurar a vitalidade do iídish através das expressões artísticas estava ligado à compreensão de que a Guerra não havia somente aniquilado milhares de vidas, mas também como colocado em risco uma forma de representar e vivenciar o mundo. Isso se reflete na leitura laica que esses judeus faziam da tradição judaica.

Na leitura da tradição histórica judaica, por exemplo, existem diversas comemorações do Levante do Gueto de Varsóvia (1943) realizadas pelo ICIB. A rememoração desses heróis que batalharam, mesmo sabendo que era uma guerra perdida, não seria um lembrar deles com lamentação, mas sim de reafirmação dessa força para a continuação dos trabalhos sociais que essa coletividade

realizava no presente. Ressaltavam a importância de uma lembrança ativa e combativa, ou seja, enquanto força para continuar seus trabalhos de divulgação cultural e o desenvolvimento cada vez maior dos seus institutos de ensino. Como nas palavras de José Sendacz, Um dos diretores do ICIB teve um papel importante na orientação do perfil do ICIB, em 1968 na comemoração do dezenove de abril, a importância de sua lembrança “para que a cultura judaica que foi tão castigada durante a época nazista, que tantas perdas sofreu em valores e elementos humanos, tenha em nós seus continuadores” (SENDACZ, 2005, p. 128).

Portanto, o fim da Segunda Guerra Mundial (1938-1945) acabou proporcionando um momento de grande vitalidade para o judaísmo progressista no Brasil, dado o prestígio das forças principais de resistência e combate ao nazismo no mundo. Com isso, foi idealizado um projeto pela comunidade para reunir verbas para um centro de cultura e, a partir de doações da comunidade, conseguiram começar a construção do projeto.

A criação do ICIB

Desta maneira, em 1953, foi inaugurado o prédio Palácio da Cultura, também chamado de “Casa do Povo”, o Instituto Cultural Israelita Brasileiro (ICIB), fruto de uma homenagem aos seis milhões de judeus que foram vítimas do Holocausto. Na inauguração do ICIB, 150 crianças marcharam da Rua dos Bandeirantes até “A Casa do Povo” (ICIB) situado na Rua Três Rios, marcando a inauguração do espaço – que garantia o convívio diário de todos os ramos artísticos que ali seriam desenvolvidos. A partir desse período passaram a funcionar nas instalações do ICIB: o Ginásio Israelita Scholem Aleichem, a Associação Federal Israelita Brasileira (AFIB), o clubinho I.L. Peretz e a colônia de férias Kinderland. Em 1960, foi inaugurado o Teatro de Arte Israelita Brasileiro (TAIB).

Além disso, essas atividades, conjuntamente com o clubinho e a colônia de férias, eram fatores que ajudaram a integração e a sociabilidade entre os moradores do bairro. Como, por exemplo, a colônia de férias Kinderland (Terra das Crianças) que tinha como objetivo de orientar educacionalmente e socialmente para uma

coletividade judaica brasileira. A colônia era tida como a continuidade de todo o trabalho educacional dentro de cada um desses ramos educativos.

A encenação dos contos de Scholem Aleichem e outros autores era uma estratégia eficaz para popularizar esses textos entre os alunos. “Ética, cultura e humor são os principais legados da escola”.

O Teatro TAIB é um espaço de extrema importância no ICIB, onde foram realizadas muitas atividades significativas no teatro judaico, José Celso Martinez Corrêa, Augusto Boal, Gianfresco Guarnieri foram nomes que percorreram as salas da Casa do Povo. O palco do Teatro TAIB aproximou textos, autores e atores que no Oficina e no Arena imprimiram a crítica social e o protesto como formas de expressão da dramaturgia no rompimento da mordada imposta pela linha dura do sistema. Muitas foram as formas encontradas para uma oposição constante aos mecanismos de vigilância dos atos de protestos.

Assim, o ICIB se firmou como um dos epicentros de uma cultura judaica ídichista, socialista nos anos 1950 e 1960. Foi um espaço de grande experimentação artística e de ativismo social, visando à libertação, à conscientização do indivíduo para as causas sociais da injustiça. Nesse sentido, buscavam um caminho aparentemente paradoxal entre assimilação à sociedade brasileira, entretanto sem “abrir mão” da preservação de uma cultura progressista originária da Europa Oriental. Segundo Iokói, o ICIB acabou sendo também, base legal e de manutenção do Partido Comunista do Brasil.

Sendo assim, o Ginásio Israelita Brasileiro Scholem Aleichemⁱ foi fruto dessa intensa militância dos judeus progressistas em São Paulo, tendo como objetivo a disseminação dos ideais antifascistas e progressistas no cenário social brasileiro, por meio de uma educação pluralista e inovadora. Tinham como desafio colocar abaixo o dogmatismo, visando experimentar a libertação da criatividade e a renovação cultural dentro do espaço escolar. Com isso, é importante salientar que o Scholem destacou-se como um espaço de experimentação educacional, ao inovar em termos metodológicos e nas suas opções curriculares, objeto dessa pesquisa.

O seu processo educativo partilhava de modo complementar os esforços no sentido de formar um projeto pedagógico que fosse articulado com a identidade

nacional, solidariedade internacional e pensamento crítico. José Sendacz foi um personagem chave na orientação do perfil da escola, e apresentava como desafio “Encontrar a síntese, entrelaçar judaísmo e brasilidade na formação juvenil”ⁱⁱ. Portanto, o Ginásio surgiu da necessidade de criar espaços que refletissem seus valores e dialogassem com a sociedade ao seu redor.

Exemplo disso é que em sua grade curricular, o iídish era mais importante do que o hebraico, mesmo nas aulas de história judaica. No currículo escolar, a ênfase era dada à história do povo judeu, à literatura iídish e ao domínio do idioma. A celebração das festas judaicas ressaltava o caráter combativo e os valores de liberdade associados a uma leitura histórica da tradição que em nenhum momento se descolava da realidade brasileira. Nesse sentido, vale ressaltar a postura dessa instituição que valorizava a escrita e cultura iídish, pois demonstra o forte caráter político que o ICUF possuía em seu contexto original e o modo em que este foi (re)apropriado e (re)significado pelos imigrantes e seus descendentes no contexto brasileiro.

Cabe ressaltar que o colégio acabava aceitando alunos de diversas origens, e não somente alunos judeus, tanto quanto moradores de diversas regiões da cidade. O convívio com o diferente contribuía para o cotidiano escolarⁱⁱⁱ, que incorporava as diferenças de etnias e religiões dentro da sala de aula.

Além disso, muitos pais e membros da comunidade eram mantenedores da escola e militantes dos movimentos de esquerda e foram perseguidos no período da ditadura militar. Muitos filhos de militantes, não judeus, tiveram acolhida no Scholem Aleichem, permitindo que recebessem uma educação de alta qualidade, condizente com os valores políticos de suas famílias. Além disso, alguns professores e diretores que eram militantes foram entregues pela Federação Israelita de São Paulo (FISESP), na década de 1970, visando a desarticulação dos “judeus comunistas” em São Paulo.

Considerações Finais

A cultura e a educação são de fato os alicerces de sua sobrevivência e são constantemente usadas como marcos estratégicos de manutenção e reinvenção de

sua identidade marcada pela diáspora. Para este grupo, o caráter da diáspora permite mais do que a aliá viver a cultura de modo libertário, ou seja, em qualquer parte do mundo. Por ser atemporal, “diaspórica” esta cultura consegue ser também temporal e local. Então, recriar o judaísmo na diáspora é construir um shtetl local, ou seja, reinventar uma idéia de coletividade judaica brasileira.

Sabemos que muitos dos ativistas do ICIB foram presos e convocados a depor nos aparelhos repressivos da Ditadura Militar. Além disso, podemos perceber, que uma das consequências desse contato com o PCB foi o isolamento dentro da comunidade judaica paulista.

Referências bibliográficas

BAHIA, Joana D’Arc do Valle. “Memórias de Gênero. A Construção de uma Idischkeit Imaginária no Brasil”. Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Campinas, 23 a 26 de agosto de 2010.

_____. O “espírito do comentário” – a idéia de educação e de cultura como demarcadores étnicos. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2/index.php/reeducacao/article/viewArticle/1593>, 2009.

BLOCH, Marc. Apologia da História. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002

BONTEMPI Jr, Bruno. História da Educação Brasileira: O Terreno do Consenso. São Paulo: PUC-SP, 1995 (Dissertação).

CHARNIS, Cristina Catalina et alli. Vanguarda Pedagógica: o legado do Ginásio Israelita Brasileiro Scholem Aleichem. São Paulo: Lettera.doc, 2008.

10.4025/6cih.pphuem.462

CLEMESHA, Arlene. Marxismo e judaísmo. História de uma relação difícil. São Paulo: Boitempo, 1998.

FELDMAN, Sérgio Alberto. "Os judeus vermelhos". In: Revista de História Regional, Ponta Grossa/PR, v. 6, n. 1. p. 137-146, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Org.s). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 1998 (2ªed.).

FREIDENSON, Marília. Integração dos Judeus em São Paulo. Revista USP 2007. Disponível em: http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S1413-45192007000100010&script=sci_arttext&tlng=en

FONTES, Alice. Inovações Educacionais: Autores e Atores das classes experimentais. São Paulo: FEUSP, 1999 (Tese).

GAGNEBIN, J.M. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo: Editora 34, 2009.

IOKOI, Zilda Márcia Grícoli. Intolerância e resistência a saga dos judeus comunistas entre a Polônia, a Palestina e o Brasil 1930/1975. São Paulo: Humanitas, 2004.

GUINSBURG, Jacob. Aventuras de uma língua errante. São Paulo: Perspectiva, 1996.

KINOSHITA, Lina Dina. "O ICUF Como uma rede de Intelectuais". Revista Universum, Universidad de Talca. 2000. Disponível em: <http://universum.utalca.cl/contenido/index-00/lida.pdf>

LE GOFF, Jacques. Memória-História. Campinas: Ed.UNICAMP, 1990.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. "A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais". Revista IEB nº34, 1992, p. 9-24.

PEREIRA, Irene. Lembranças, esquecimentos e documentos: Ginásio Israelita Brasileiro Chaim Nachman Bialik e o enraizamento de um grupo judeu na cidade de São Paulo (1943-1955). São Paulo: FE-USP, 2006(Dissertação).

SENCACA, José Aron. Um homem no mundo. São Paulo: Autor, 2005.

10.4025/6cih.pphuem.462

TAMBERLINI, Angela. Os Ginásios Vocacionais: a dimensão política de um projeto pedagógico transformador. São Paulo: FEUSP, 1998 (dissertação).

THOMPSON, Paul. A Voz do Passado: a história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WOLFF, Egon. *Guia histórico da comunidade judaica de São Paulo*. São Paulo: B'naiB'rith S/C, 1988.

ⁱ Embora em português seja Ginásio Israelita Brasileiro Scholem Aleiche, em iídish acrescentava-se uma palavra reveladora: Ginásio Israelita *Laico* Brasileiro Scholem Aleiche. Cf. Marcos Ajzenberg. In: *Vanguarda Pedagógica: o legado do Ginásio Israelita Brasileiro*. p.32.

ⁱⁱ *Vanguarda Pedagógica: o legado do Ginásio Israelita Brasileiro*. p.10.

ⁱⁱⁱ *Vanguarda Pedagógica: o legado do Ginásio Israelita Brasileiro*. p.47.